

ESTATUTO DE PASTORAL VOCACIONAL ESCOLÁPIA

1- JUSTIFICATIVA

1. A Congregação Geral das Escolas Pias apresenta, no ano de 1992, no Diretório Escolápico da Pastoral Vocacional¹, as políticas aprovadas pelo Capítulo Geral referente à PV que, hoje em dia, têm vigência e são referência importante:
 - a) A pastoral juvenil é premissa necessária da Pastoral Vocacional;
 - b) A Pastoral Vocacional será prioridade nas programações das comunidades e obras. E cada demarcação elaborará sua programação específica anual;
 - c) A chamada mais eficaz à vocação escolápica é a vida, a alegria e o comportamento apostólico de nossos religiosos e comunidades;
 - d) É necessário chamar explicitamente aos jovens a viver a fé comprometidamente, sobretudo no campo próprio de nossa missão;
 - e) A Pastoral Vocacional tem que estar inculturada nos distintos países;
 - f) Temos que assegurar o seguimento e acompanhamento dos que mostrem indícios de vocação.
2. A identidade da vocação escolápica² é definida dessa forma pela FES³. O mestre interior enviado pelo Pai para a salvação de todos, Jesus de Nazaré, formador de discípulos, continua chamando hoje, por meio de seu Espírito, ao discipulado evangélico. Ele é também o Mestre de quantos se preparam a segui-lo na Ordem das Escolas Pias participando de seu estilo de vida e de sua missão evangelizadora entre os meninos e jovens. No processo formativo, tanto os candidatos como os responsáveis se mantêm à escuta do Espírito Santo que, segundo Calasanz é o pedagogo interior que inspira a uns e outros a seguir as pegadas do Senhor até o ápice da perfeita caridade.
3. A Pastoral Vocacional Escolápica deve “ser feita a partir da visão da Igreja como um povo de servidores, dentro do pluralismo das vocações, ministérios e carismas”.⁴ “A Pastoral Vocacional deve ser encarnada na realidade. E, por isso mesmo, deve se diversificar, adequando-se à peculiaridade das situações e às necessidades concretas da Igreja local, das comunidades e do povo. Deve se acentuar que tanto o apelo interior de Deus quanto o chamado oficial da Igreja, atendendo às necessidades do povo, são elementos constitutivos da vocação”.⁵

2- MARCO REFERENCIAL: NOSSAS OPÇÕES DE FUNDO

2.1. A PRIORIDADE DA PVE

4. A pastoral vocacional se encontra no centro da vida da comunidade escolápica. Por isso, cada escolápico se compromete a oferecer às crianças e jovens que se encontram com ele o tesouro da vocação que tem descoberto.

1 Diretório Escolápico de Pastoral Vocacional (Pág. 6)

² Neste Estatuto, enfocamos a vocação escolápica, enquanto chamado à vida religiosa.

³ Tomados dos pontos nº 4 e 5 da FES (Págs.14-15)

⁴ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. “Vida e ministério do presbítero Pastoral Vocacional”. Documento aprovado pela 19ª Assembleia de CNBB. Itaici, 26 fevereiro de 1981. Desde a CNBB, se compreende que o trabalho vocacional deve ser conduzido desde o SAV (Serviço de Animação Vocacional).

⁵ Op. cit. Ver o documento na “III parte: pistas para a ação” (Diretrizes gerais)

5. Para que funcione de forma dinâmica e ordenada, é necessário que a PVE conte com um coordenador responsável pela mesma e semi-liberado, a fim de acompanhar os grupos vocacionais e cada Vocacionado, em concreto.
6. Esse trabalho deve ser realizado a partir de uma Equipe que articule a PVE de toda a Vice-província, tanto em nível geral quanto local.
7. Da parte da Congregação Provincial, possibilitar-se-á uma dotação orçamentária específica destinada ao trabalho vocacional para investir em: bons materiais de convocatória, viagens, retiros, campanhas etc. Além de oferecer uma infraestrutura que atenda às necessidades da PVE.

2.2. FOMENTANDO UMA CULTURA VOCACIONAL

8. Toda ação pastoral tem que ser vocacional, enquanto conduz progressivamente cada pessoa ao encontro com o mistério de Deus e seu desígnio de salvação para assumi-lo livremente como projeto da vida. Nesse sentido, a PVE é objetivo central de toda pastoral geral enquanto encaminha na experiência e resposta viva e pessoal a Jesus Cristo no seio da comunidade cristã (cfr. DEPV, n° 8).
9. A Pastoral Vocacional Escolápia não funciona como uma atividade isolada em nossas obras. Ela deve estar articulada com toda a dinâmica pastoral que empreendemos, atuando transversalmente em todas as pastorais.
10. Entendemos por cultura vocacional um “conjunto coerente e partilhado de maneiras de pensar, sentir, atuar e celebrar que criam o ambiente necessário para que as pessoas descubram sua vocação específica dentro da vocação cristã”.
11. Essa cultura é criada e difundida por toda a comunidade cristã. Animada pelos escolápios, a ação pastoral é desenvolvida buscando que cada criança, adolescente e jovem reflitam sobre o seu papel na Igreja e na sociedade. Uma vez assumido viver desde Cristo, contagie as demais pessoas com a sua vida, criando cultura vocacional.
12. Cada religioso e comunidade se sentirão responsáveis por colaborar no nascimento e amadurecimento das vocações. Busca atender, com dedicação especial, individual ou em grupos, aqueles que manifestem indícios de vocação (cfr. R.146).
13. A equipe de PVE local buscará a forma de trabalhar, criando cultura vocacional e estruturas em todas nossas obras: colégios, paróquias e outras. Procurando o lugar de cada um neste mundo desde a fé.

2.3. O JOVEM NO CENTRO DA PVE

14. O trabalho vocacional não pode ser desarticulado dos contextos vitais do vocacionado, mas deve perpassar toda a sua vida. Afinal, o vocacionado é o centro da PVE e não a estrutura.
15. Busca-se uma centralidade na vida do jovem, com seu processo humano, espiritual e eclesial próprios. Dessa forma, o trabalho vocacional se adapta à realidade de cada jovem e não o contrário.
16. Isto acontece, porque não somos nós que escolhemos os jovens, mas eles que, conhecendo-nos, optam em abraçar nossa vida, embora tenhamos a difícil tarefa de acompanhá-los e ajudá-los no discernimento.

2.4. COMUNIDADES RELIGIOSAS ABERTAS E ACOLHEDORAS

17. Os religiosos e as comunidades religiosas são sem dúvida a mediação mais importante na PVE. Na Ordem, a tarefa vocacional é realizada em níveis e responsabilidades diferentes, mas o fundamental está naquilo que somos e no testemunho que damos da nossa identidade. É nossa vida e felicidade profunda, antes de tudo, quem interroga (cfr. DEPV n° 16),
18. Toda comunidade religiosa escolápia deve ser um espaço fecundo de acolhida e abertura aos jovens que vêm para nos conhecer. O intuito é que cada Comunidade Escolápia pense desde o eixo Vocacional, incluindo-o dentro do seu planejamento anual.
19. “Ninguém ama aquilo que não conhece”, portanto é fundamental que os jovens nos conheçam desde dentro. É indispensável que a comunidade religiosa esteja sempre aberta aos vocacionados.

20. Cada comunidade religiosa escolápia deve programar momentos e atividades de inserção dos jovens em nossa vida (momentos de oração comunitária, refeições, lazer etc.).
21. Convém também que a caminhada do Grupo Vocacional local seja avaliada periodicamente pela comunidade religiosa.
22. Os candidatos da “G. 20..” (G = Geração Escolápia⁶) são os principais destinatários desta nossa abertura de vida. Importa que a comunidade local esteja atenta às suas inquietudes e questionamentos.
23. Para alguns casos concretos, será solicitado ao vocacionado que more ou passe momentos mais prolongados em nossa casa. Assim, dar-se-á o conhecimento mútuo anterior ao ingresso no pré-noviciado.

2.5. PVE ASSUMIDA DE FORMA COLEGIADA E COMUNITÁRIA

24. A colegialidade significa que, embora exista um Coordenador nomeado pelo Superior, todos os escolápios se sentem co-responsáveis nas decisões. Afinal, não se trata de uma delegação do trabalho, mas de um compromisso vocacional assumido e partilhado por todos.
25. A PVE deve ser também comunitária, ou seja, todo escolápico se sinta implicado diretamente no trabalho vocacional e partilhe a vida dos vocacionados no âmbito comunitário.

2.6. PVE FLEXÍVEL, CONTEXTUALIZADA, ORGÂNICA E ARTICULADA

26. A realidade atual é muito complexa e volátil. Exige que tenhamos processos institucionais flexíveis e adaptados ao contexto de cada vocacionado. Não se pode funcionar com uma estrutura rígida e uniforme.
27. É preciso, portanto, que cada escolápico conheça e esteja atento às transformações culturais, sociais de nosso tempo. Assim, não se comete o equívoco de pensar que um jovem não tem vocação simplesmente porque -a priori- não possui alguns elementos do nosso estilo de vida.
28. A flexibilidade recai não só para os jovens que participam do AVE, mas também para aqueles jovens que participaram conosco e/ou vocações adultas. É importante que a PVE esteja atenta e acompanhe a vida deles, sobretudo, se são jovens em situações especiais.
29. A fim de evitar elementos que possam travar a PVE (absentismos, individualismos, improvisações constantes, dependências pessoais etc.), é preciso assumir um estilo de trabalho orgânico e bem articulado com os demais trabalhos que desenvolvemos.
30. Nesse sentido, o trabalho a ser desenvolvido deve conter os seguintes elementos: planejamento, programação anual provincial e local, avaliação contínua, definição concreta de funções e responsabilidades, sistematização e método no trabalho.

2.7. PVE QUE EDUCA E FORMA ATRAVÉS DO AVE

31. O AVE é um método espiritual enquadrado dentro do âmbito da Teologia Espiritual, portanto, tem objetivos, etapas e metodologias de trabalho próprios. O AVE oferece uma proposta vocacional escolápica feita a partir de um método e conteúdo sistemático.
32. A proposta do AVE pretende auxiliar o vocacionado a conhecer-se melhor e orientar sua vida em função da experiência vocacional do chamado de Deus.
33. Muitos jovens são acompanhados e participam dos encontros do AVE. No entanto, poucos são os que entram no pré-noviciado. Acreditamos que a experiência de participação nos grupos é fundamental na vida do jovem que necessita de orientar sua vida.
34. Os encontros vocacionais são organizados de tal forma que proporcionem, tanto para o jovem em acompanhamento quanto para o novato, uma experiência que o leve a rezar, pensar e refletir sua vida e vocação.

⁶ A cada ano, forma-se um grupo específico de jovens que se preparam intensamente para o ingresso ao pré-noviciado.

35. Importa que o AVE forneça essa formação/orientação na vida do jovem. Dessa forma, mesmo não sendo religioso escolápio, o jovem se encontrará melhor preparado para a vida, buscando discernir, em cada evento, a vontade de Deus. O Carisma calasâncio já está semeado.

2.8. ARTICULAÇÃO ENTRE PASTORAL COM ADOLESCENTES E JOVENS, PVE E FI

36. A Pastoral Vocacional Escolápia deve manter uma relação muito estreita com o trabalho pastoral com jovens e a Formação Inicial.
37. Essa relação se dá, sobretudo, através do envolvimento dos formandos na dinâmica vocacional. Eles não só animam a vida dos vocacionados, como organizam e participam nos encontros vocacionais.
38. Para conseguir os objetivos da PVE, são necessários ambientes juvenis cristãos, uma pastoral de crianças, adolescentes e jovens bem articulada. A pastoral juvenil e a PVE estão intimamente unidas. A pastoral é completa e eficaz se abre cada pessoa para as diferentes opções e vocações cristãs específicas.
39. Importa que os Escolápios se façam mais presentes em todas as atividades desenvolvidas com os adolescentes e jovens. Dessa forma, damos testemunho de nossa vida e animamos os jovens a inquietar-se vocacionalmente.
40. Os responsáveis pelo trabalho vocacional busquem estar em sintonia com os formadores, principalmente com os da etapa do pré-noviciado. Assim, estabelece-se um itinerário gradativo de acompanhamento da vida do jovem.
41. Os Formadores, na medida do possível, participem nos encontros vocacionais, estabelecendo estreita relação com os vocacionados e com a dinâmica da PVE.
42. É importante assumir que a FI é processual, sem confundir as etapas de amadurecimento do jovem. Não podemos pedir a um jovem que está concluindo o AVE que apresente características de um formando já inserido na FI.
43. A equipe da pastoral provincial buscará os meios para articular-se com a pastoral orgânica ou de conjunto e as Fraternidades Escolápias.
44. A equipe local de PVE programará a articulação com:
- a) A pastoral diocesana e, especificamente, com a PV Diocesana;
 - b) A pastoral de nossas paróquias e a equipe de PV onde houver;
 - c) A equipe de pastoral de nossas obras.

3- ITINERÁRIO DO AVE

45. Por itinerário compreendemos o caminho que realizamos para desenvolver o AVE (Acompanhamento Vocacional Escolápio). Ele se define a partir de suas características, etapas e a psicopedagogia usada para seu desenvolvimento.

3.1. CARACTERÍSTICAS DO AVE

46. Personalizador
- a) O jovem vocacionado não pode ser considerado como alguém anônimo; o reconhecimento desse jovem como pessoa concreta, indivíduo com suas circunstâncias, dificuldades, problemas, valores, histórias vitais que carrega, possibilidades, sonhos e esperanças é a primeira nota característica do “Acompanhamento Vocacional Escolápio”.
 - b) Personalizador não é simplesmente algo feito “em nível pessoal”, “a sós com ele”; personalizador também significa que a capacidade de crescimento e amadurecimento é uma tarefa principalmente dele; o maior e melhor especialista dele deve ser ele próprio, assumindo esse compromisso com sua pessoa.

47. Integrador

- a) O ser humano é uma unidade pessoal sabendo que tudo tem a ver com o todo da realidade pessoal.
- b) O “Acompanhamento Vocacional Escolápio” não se limita a um só aspecto da vida do jovem vocacionado, senão que abrange a pessoa completa dele: seus âmbitos, riquezas, pulsões, histórias, dinamismos...
- c) O AVE pretende levar o jovem a descobrir e vivenciar a Jesus Cristo como Senhor e centro de sua vida e da história. Aquele que lhe propicia a mais profunda integração da sua pessoa.

48. Progressivo, sistemático e gradual

- a) O amadurecimento da Vocação é lento; o “Acompanhamento Vocacional” deve aprender a respeitar os ritmos de cada jovem e suas possibilidades reais, assim como esperar o que deve ser exigido.
- b) Progressivo: itinerário como processo (início, etapas, fim). Experiência de caminhar e crescer; o jovem deve sentir e experimentar as mudanças.
- c) Sistemático: ordenado; seguindo um método e programação; sem deixar nada à boa vontade ou à improvisação.
- d) Gradual: de menos para mais; de pouco para muito; partindo sempre da realidade concreta e vital do jovem; e situando-se a partir da afirmação de que o jovem é muito mais importante que sua opção.

3.2. ETAPAS DO AVE

A PVE em função das etapas cronológicas

49. Etapa de convocatória (“suscitar e propor”). Etapa da convocação e dos primeiros passos. Objetivo: chamar⁷.

- a) É preciso que sejam bem realizadas, esclarecidas, convocando para participar de Retiros Vocacionais ou para formar parte dos Grupos Vocacionais Escolápios.
- b) Temos que convocar, explícita e convencidamente, aos jovens para participar da PVE nessa etapa simples, de primeiros contatos, conhecimento mútuo etc.
- c) Importância dos primeiros laços afetuosos com o Escolápio e a vida Escolápia.

50. Etapa de acompanhamento (“discernir e selecionar”). Etapa do autoconhecimento e do Projeto de Vida. Objetivo: educar⁸.

- a) O AVE se realiza através do acompanhamento grupal e pessoal.
- b) O discernimento dos sinais vocacionais e das motivações profundas é o centro do AVE, através da descoberta e desenvolvimento do “eu ideal” em cada jovem.
- c) Etapa fundamental (talvez mais de um ano); pretende-se que o Vocacionado possa chegar a um maior e mais profundo autoconhecimento.
- d) Primeira formulação do Projeto de Vida.
- e) Centrada na análise sistemática de quatro dinamismos que configuram uma opção Vocacional: coração, cabeça, capacidade, coragem.
- f) Importância, nessa etapa, do AVE pessoal e do Grupo Vocacional.

51. Etapa de formação (“acompanhar e formar”). Etapa de afirmação da identidade em Deus e no Reino. Objetivo: formar⁹.

⁷ Ess etapa se encontra expressa e definida no livro vocacional “Procurando minha estrela”, a partir da pg. 45.

⁸ Encontra-se expressa e definida no livro vocacional “Procurando minha estrela”, a partir da pg. 53. Essa etapa é a que melhor estruturação, conteúdo, metodologia e programação possui.

⁹ Essa etapa se encontra expressas e definida no livro vocacional “Procurando minha estrela”, a partir da pg. 155. Conteúdo mais apropriado para o Pré-noviciado, já que está baseado nos “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio. Pretende oferecer os passos inicianos para uma boa escolha Vocacional, a partir da Palavra de Deus e dos sinais vocacionais.

- a) A formação vocacional se desenvolve ao longo de todo o processo do AVE, desde o primeiro Retiro ou reunião do Grupo Vocacional até o final.
- b) Destacamos a formação realizada nos encontros mensais. Encontra-se estruturada a programação de forma cíclica trienal para os encontros dos Grupos Vocacionais Escolápios.
- c) Também merece um destaque a formação que se desenvolve em cada Retiro, Convivência ou Semana vocacionais.
- d) A formação acompanha todas as etapas, desenvolvendo-se uma formação expressamente vocacional com os jovens que formam a “G 20..”

A PVE em função da identidade vocacional

Em cada um dos momentos que se apresentam, são desenvolvidos os três momentos anteriores: chamar - educar - formar, com ênfases diferentes. Se, na primeira fase, o acento forte é a educação vocacional, na segunda fase, o acento recai na formação vocacional.

52. Fase primeira: Ser Vocacionado Escolápio.

- a) Chamar: Chamado amplo, em lugares variados. Convida-se para participar de um Retiro ou para formar parte do Grupo Vocacional.
- b) Educar: Através do AVE, inicia-se o processo de educação vocacional do jovem. A educação parte do “eu real” e aponta para a descoberta e identificação do “eu ideal”; essa é a função educativa do AVE, realizada em nível pessoal e grupal. Nessa fase, o elemento educativo é o mais importante.
- c) Formar: A formação é algo muito inicial e simples. Consiste em que o jovem Vocacionado conheça um pouco e se sinta identificado minimamente com as características da vida e missão Escolápios.
- d) A esta fase pertencem todos os vocacionados. Chegam-nos com suas características culturais. É uma fase que pode demorar mais ou menos para cada jovem, dependendo de sua situação pessoal e de seu processo vocacional.

53. Fase segunda: Ser “Geração Escolápia 20..”

- a) Chamar: Chamado específico, dentro dos Grupos Vocacionais Escolápios, por serem o espaço normal e apropriado para o desenvolvimento da vocação. Mas, existem outros espaços eclesiais que favorecem o amadurecimento vocacional. Convida-se para formar parte da próxima “Geração Escolápia” àqueles que mostram sinais fortes de identidade vocacional. Muitas vezes, nem é necessário o convite, pois os processos humano, espiritual e vocacional do jovem levam-no a solicitar fazer parte da “G. 20..”.
- b) Educar: Continua o processo educativo. Se ele é bem feito, perceber-se-á que o jovem Vocacionado vai mostrando maiores elementos de amadurecimento. Esses traços de amadurecimento são os sinais vocacionais que nos indicam o momento certo para convidar um jovem a passar para essa segunda fase. Dever-se-á perceber, também, que o Carisma Escolápio, de alguma forma, está presente na interioridade do jovem. Só assim, poder-se-á identificar autenticamente com o Carisma real.
- c) Formar: É o elemento mais importante da segunda fase. Porque nela estão vocacionados que não se perguntam sobre o fato de ter ou não ter vocação, senão que se perguntam sobre a vida Escolápia: quais são nossas características, como é nossa missão etc. Os elementos prototípicos de uma Ordem (pobreza - castidade - obediência - comunidade - ministério) são instrumentos válidos para formar. Nessa fase, trata-se de que a forma de vida Escolápia seja vista pelo jovem como a forma de vida que ele deseja. Assim mesmo, deve expressar que quer se deixar guiar para adquiri-la. Forma parte dessa segunda fase um grupo pequeno e seletivo de vocacionados que se constitui como “G. 20..”.

3.3. PSICOPEDAGOGIA DO AVE

Psicopedagogia em grupo

54. Grupo Vocacional Local:

- a) gera experiência de “sonho compartilhado” (“não estou só!”);
- b) conhece muito mais o jovem vocacionado;
- c) perceber as relações simétricas.

55. Programação anual

- a) É importante que a programação realizada no início do ano seja entregue para cada Vocacionado.
- b) Os encontros mensais dar-se-ão em cada Grupo Vocacional, seguindo a programação já definida.
- c) Um retiro abre o ano Vocacional no primeiro semestre no qual são convocados todos os vocacionados.
- e) Uma convivência se dá no segundo semestre, envolvendo também todos os grupos.

56. Semana Vocacional Escolápia

- a) Momento importante dentro da caminhada Vocacional dos Grupos e de cada menino. Momento ótimo para convocar a novos vocacionados.
- b) Uma semana com todos eles com diferentes tempos: espaços de oração pessoal; tempo de lazer e esporte; partilha por grupos.

57. A “Geração Escolápia 20..” está formada por aqueles jovens que participam do “Acompanhamento Vocacional Escolápico” e que reúnem as condições solicitadas pela Ordem para poder iniciar, no ano seguinte, o Pré-noviciado. Eis algumas das atividades mais importantes desenvolvidas no decorrer do ano:

Seguimento específico durante um ano:

- a) Durante o ano que precede ao Pré-noviciado, a Pastoral Vocacional oferece aos jovens que se encontram nessa etapa um acompanhamento especial e mais intenso.
- b) O processo inicia-se no Primeiro Retiro Vocacional do ano; dentre os vocacionados participantes e outros possíveis, forma-se o grupo chamado “G.20..”.
- c) Requisitos para fazer parte do “G.20..”: estar participando do “AVE”; ter entre 17 e 28 anos (pode-se contemplar idades maiores); ter o segundo grau completo ou em fase de conclusão; ter vivência e compromisso eclesiais; oferecer sinais de amadurecimento vocacional; passar pelo discernimento de vários escolápios que acompanham a Pastoral Vocacional.
- d) A equipe de Pastoral Vocacional definirá o calendário e cronograma específico para esse Grupo; nessa programação, consta, entre outros momentos, um Retiro Vocacional no primeiro e outro no segundo semestre e a etapa intensiva no final do ano.

Etapa Intensiva Vocacional

Dois elementos fundamentais configuram esta etapa:

- a) Experiência de vida dentro de uma Comunidade Religiosa, para conhecer de perto a realidade de nossa vida e, ao mesmo tempo, receber atenção pessoal por parte dos escolápios da Comunidade;
- b) Experiência densa de retiro (oração e convivência), como preparação para a entrada ao pré-noviciado.

Psicopedagogia pessoal

58. A entrevista

- a) Ela é o ato concreto mediante o qual é realizado o AVE pessoal através de um encontro humano, vivo, cordial, afetuoso e espiritual.
- b) Ela é o meio que mais e melhores elementos pode oferecer para um bom conhecimento do candidato, assim como, para verificar seu processo de amadurecimento humano, espiritual e vocacional.
- c) A partir do momento em que o jovem percebe que o Escolápico esforça-se por escutá-lo intensamente e situar-se em seu mundo, o jovem sentirá a sensação de estar unido, como se uma ponte unisse as ilhas dispersas da consciência do ser humano.

59. O arquivo pessoal de cada Vacionado é formado ao longo do processo completo do jovem: respostas às fichas, diário das entrevistas, cartas pessoais, dinâmicas de autoconhecimento etc. Esse arquivo é confidencial.
60. As Fichas Vocacionais se apresentam como um meio idôneo para a análise/verificação/conclusão dos diferentes dinamismos da personalidade do jovem. Abrangem aspectos da vida do Vacionado (família, sexualidade, afetividade, imagem de si, saúde, história Vocacional...) e são o conteúdo fundamental da entrevista.
61. O Projeto de Vida: O jovem Vacionado, depois de ter participado durante um tempo no Grupo Vocacional - e tendo solicitado o "Acompanhamento Vocacional" pessoal-, é situado na perspectiva do que significa viver a partir de um Projeto de Vida.
62. As leituras formativas: Dentro do "Acompanhamento Vocacional Escolápio" formam um complemento muito interessante para o amadurecimento do jovem. São leituras que acompanham o processo pessoal do Vacionado, aprofundando o momento vital/experiencial que está vivendo.
63. Dinâmicas de autoconhecimento: São desenvolvidas com a 'Geração 20..' uma série de dinâmicas que ajudam os vacionados a se autoconhecer formando parte, também, do conteúdo da entrevista pessoal.
64. O "Informe Vocacional" ou avaliação final
- No final do processo do "Acompanhamento Vocacional Escolápio" se elabora uma avaliação do mesmo por parte dos dois (o Escolápio e o jovem).
 - Esse "Informe Vocacional" tem como finalidade oferecer uma síntese final do processo para o candidato, marcando alguns pontos, áreas ou elementos que possam ser trabalhados posteriormente.
 - Esse informe é apresentado pelo acompanhante ao Pe. Formador de Pré-noviços quando entrar no Pré-noviçado, de tal forma, que possa continuar o acompanhamento iniciado.

4- ESTRUTURA DA PVE NO BRASIL

65. A Pastoral Vocacional não deve ser vista como uma atividade a mais no labor pastoral. Ela deve ser compreendida como uma atitude permanente do Escolápio que, se sentindo realizado em sua vocação dentro da Ordem das Escolas Pias, deseja compartilhá-la com outros que levarão a missão adiante e perpetuarão o sonho de Calasanz na história.

4.1. AGENTES E ESTRUTURA DA PASTORAL VOCACIONAL ESCOLÁPIA

66. Por Agentes, entendemos todos aqueles que se mostram interessados e realizam algum tipo de labor concreto dentro do trabalho Vocacional. Neste amplo marco, cabem desde aqueles que se dedicam a orar constantemente pelas Vocações, até aqueles que desempenham uma tarefa estritamente Vocacional, como preparar ou animar alguns dos Encontros Vocacionais; podem ser leigos ou religiosos, jovens ou adultos. Busca-se que atendam aos seguintes pressupostos:
- Participar ativamente e ser conhecido dentro das Comunidades;
 - Saber trabalhar em equipe;
 - Sentir-se identificado com o nosso jeito de ser e de trabalhar, sem criar linhas paralelas;
 - Realizar um labor Vocacional amplo e aberto;
 - Cuidar da própria formação no tema Vocacional, participando de cursos, leituras, aprofundando na vida da Igreja brasileira e da própria comunidade eclesial etc.

67. Ainda que a Pastoral Vocacional Escolápia comporte um grande número de agentes nos mais diversos âmbitos e ser ela de responsabilidade de todo Escolápio, por pertencermos a uma estrutura, ela exige de nós diferentes níveis de responsabilidades e funções. Assim, na Província do Brasil, a PVE se estrutura da seguinte forma:
- Pe. Provincial e Congregação.
 - Coordenador e Equipe de PVE da Província (nomeados pelo Pe. Provincial).
 - Responsáveis da PVE de cada lugar: Belo Horizonte, Governador Valadares e Serra.
 - Comunidade Religiosa Escolápia.

Pe. Provincial e Congregação

68. O Superior Maior é o primeiro responsável pela PVE em sua demarcação. Ele deve ser o animador e promotor da PV de acordo com o que dispõem nossas Constituições e Regras. Segundo o Diretório Escolápico de Pastoral Vocacional (DEPV), ele tem a função de:
- fomentar a oração constante pelas vocações;
 - promover a colaboração vocacional com o clero diocesano e com outros religiosos;
 - contribuir para criar uma vida comunitária acolhedora;
 - animar a participação de todos na PV;
 - preocupar-se com a pastoral da juventude em nossas obras e grupos de vida e de apostolado;
 - zelar para que não falte a orientação vocacional em nossa ação pastoral educativa;
 - interessar-se pelos grupos e pelos jovens que mostram sinais de possível vocação específica. (cfr. DEPV, n.29);
 - aceitar e receber os candidatos em nossas comunidades;
 - dedicar, no orçamento anual da demarcação, a quantidade adequada para a PVE (R.148).

Coordenador e Equipe de PVE da Província

69. O Coordenador e a Equipe de PVE são nomeados pelo Superior Maior da demarcação. Eles têm a função de planejar, animar, desenvolver e dimensionar a PVE da Província. A Equipe está formada pelo Coordenador Provincial e pelos responsáveis da PVE de cada lugar (Belo Horizonte, Governador Valadares e Serra).
70. O Coordenador Provincial é o promotor executivo da PVE na Província. Suas funções:
- conscientizar religiosos e comunidades sobre suas responsabilidades institucionais a respeito das vocações;
 - dinamizar as equipes e o trabalho local da PVE;
 - preparar com eles a programação da PVE e apresentá-la à aprovação dos Escolápios;
 - colaborar em programações e atividades vocacionais, diocesanas e religiosas;
 - ajudar as equipes locais de PVE na elaboração das próprias programações;
 - revisar e avaliar as programações locais e da demarcação;
 - orientar e acompanhar os que trabalham nesse campo e fornecer-lhes materiais adequados;
 - garantir o AVE de cada jovem vocacionado (cfr. DEPV, n. 30);
 - marcar os encontros da equipe de PVE;
 - zelar para que os Grupos Vocacionais sejam bem acompanhados;
 - criar material de PVE para os Grupos Vocacionais e para o AVE pessoal;
 - acompanhar e orientar os retiros, convivências, semana vocacional e outros eventos vocacionais escolápios;
 - apresentar ao Pe. Provincial os candidatos preparados e acompanhados pela PVE para iniciarem o Pré-noviciado.
71. As funções dos coordenadores locais da PVE, realizadas junto aos demais Escolápios da Comunidade Religiosa, são:
- Animar os Grupos Vocacionais de cada lugar.

- b) Planejar e desenvolver a programação da PVE em cada lugar.
- c) Possibilitar a presença dos vocacionados na Comunidade Religiosa.
- d) Convocar jovens nos colégios, paróquias, para participarem de retiros e do Grupo Vocacional local.
- e) Acompanhar retiros, convivências e outros eventos vocacionais.

Comunidade Religiosa Escolápia

72. Estamos cientes de que a mediação mais forte para o trabalho Vocacional é a nossa vida pessoal e comunitária. Vida manifesta na cordialidade e carinho entre os Religiosos, no trato acolhedor para com os meninos e jovens, na oração e vida interior de cada um e da Comunidade e no entusiasmo e ardor apostólico da nossa missão.
73. Quando expressamos assim nossa vida, é ela mesma quem fala bem alto para esses jovens nos quais se encontra a semente da Vocação. Eles facilmente percebem no seu interior a atração suscitada pelo Espírito de Deus quando nos descobrem felizes por viver uma Vocação de serviço e entrega. Com certeza, o coração da nossa vida pessoal e comunitária é o primeiro espaço onde Deus mesmo faz germinar uma Vocação Escolápia.
74. Cada comunidade deverá incluir, no orçamento anual, um valor dedicado à PVE.

4.2. PROGRAMAÇÃO E AVALIAÇÃO

75. A programação e a avaliação são dois instrumentos de trabalho fundamentais dentro da PVE. Ajudam a planejar as ações, distribuir funções e gerir com maior eficácia o trabalho vocacional.

Programação

76. Na assembleia provincial, que acontece no início do ano, o Coordenador da PVE, com a Equipe, deve apresentar a programação anual da PVE, antes da sua redação definitiva. Nela deve constar:
- a) coordenador provincial da PVE e Equipe da PVE;
 - b) coordenador de cada lugar (Belo Horizonte, Valadares e Serra);
 - c) calendário de reuniões da Equipe de PVE;
 - d) objetivos que o Coordenador e a Equipe propõem *realizar* e os que propõem *impulsar* para que sejam realizados pelos responsáveis locais das comunidades, das obras e dos grupos;
 - e) pessoas responsáveis pelo acompanhamento de vocacionados de outras cidades;
 - f) material catequético e pastoral disponível e o que deve ser preparado;
 - g) recursos materiais e econômicos disponíveis de acordo com o respectivo orçamento aprovado. (Cfr. DEPV, n. 33).

Avaliação

77. No mesmo encontro de Província, o Coordenador e a Equipe de PVE entregarão à assembleia provincial a avaliação da PVE do ano, incluindo nela:
- a) O andamento dos Grupos Vocacionais.
 - b) A apresentação geral dos candidatos ao pré-noviciado.
 - c) O relatório de todas as atividades vocacionais realizadas.
 - d) O balanço de receitas e despesas da PVE e o orçamento do ano seguinte.